

# Cidadania e Educação: sonho e realidades. Agostinho da Silva, um percursor exemplar, em Portugal e no Brasil, de uma efectiva educação para a cidadania

*Helena Maria Briososa e Mota\**

## 1. Agostinho da Silva, breves notas biográficas

*Só teremos realmente vivido quando por nós tiver brilhado centelha numa alma, ressoado a palavra de nosso pensamento ou se afirmado o desejo de que haja mais brandas sombras nos desertos do mundo; brilhado, ressoado e se afirmado pelo fazer e no fazer.*  
(Agostinho da Silva, 1965/2000: 281-282)

Muitas serão as personalidades que, em Portugal e no Brasil, se notabilizaram ao nível do combate pela defesa da justiça e de um efectivo humanismo entre os homens. Olhando para o nosso passado mais ou menos recente, poderia mencionar vários exemplos. Centrarei, contudo, esta reflexão na conduta modelar de alguém que, nascido em finais da monarquia (1906, 13 de Fevereiro), viveu a implantação da República e do Estado Novo em Portugal, sonhou a liberdade e sofreu a ditadura no Brasil, promoveu e trabalhou para a independência das colónias portuguesas (PVDE-PIDE/DGS SR 1161, 98), conceptualizou e disseminou o sonho

---

\* Professora do ensino não superior e mestre em Educação. Dedicou-se à investigação da obra pedagógica de Agostinho da Silva, objecto da sua tese de doutoramento, em curso. Editou os volumes *Textos Pedagógicos I e II* e *Biografias I, II e III* integrados nas *Obras de Agostinho da Silva* (Lisboa: Âncora Editora e Círculo de Leitores, 1999-2003). Autora de *Uma introdução ao estudo do pensamento pedagógico do Professor Agostinho da Silva*, Lisboa: Hugin, 1996.

de uma Confederação dos Povos de Língua Portuguesa (PIDE-PIDE/DGS, [371] 79), acompanhou, testemunhou e paulatinamente influenciou os alvares da democracia Portuguesa<sup>1</sup> e que, acima de tudo, sonhou e projectou o futuro de um mundo melhor. Falo de Agostinho da Silva, GEORGE AGOSTINHO BAPTISTA DA SILVA, de seu nome completo.

Latinista e filólogo de formação, desde sempre foi em si explícito o traço de educador e de ensaísta. Sofreu com a perseguição da polícia política do Estado Novo em Portugal, simplesmente porque se lhe auto-impôs, como imperativo ético, elevar culturalmente ao seu nível, ao nível de qualquer cidadão reflexivo e letrado, o seu irmão em humanidade.<sup>2</sup> Ao escrever e editar, em 1943, o folheto intitulado *Doutrina Cristã* (SILVA, 1943/1999) – o motivo que a polícia política esperava para o levar à prisão – está Agostinho da Silva a apresentar os fundamentos da proposta que repetirá ao longo de toda a vida, bem como a sublinhar as linhas mestras e os alicerces daquele mundo que deseja venha a ser constituído no futuro, o *Mundo Novo* radicado no princípio da liberdade. Aí, declara Agostinho da Silva:

...para que possa compreender Deus, para que possa, melhorando-se, melhorar também os outros, o homem precisa de ser livre; as liberdades essenciais são três: liberdade de cultura, liberdade de organização social, liberdade económica. Pela liberdade de cultura, o homem poderá desenvolver ao máximo o seu espírito crítico e criador; ninguém lhe fechará nenhum domínio, ninguém impedirá que transmita aos outros o que tiver aprendido ou pensado. Pela liberdade de organização social, o homem intervém no arranjo da sua vida em sociedade, administrando e guiando, em sistemas cada vez mais perfeitos, à medida que a sua cultura se for alargando; para o bom governante, cada cidadão não é uma cabeça de rebanho; é como que o aluno de uma escola de humanidade: tem de se educar para o melhor dos regimes, através dos regimes possíveis. Pela liberdade económica, o homem assegura o necessário para que o seu espírito se liberte de preocupações materiais e possa dedicar-

<sup>1</sup> Desde 1969, data do seu regresso do Brasil, em plena «Primavera Marcelista», até à «Revolução dos Cravos», em 25 de Abril de 1974, tal como comprovo em estudo de outra envergadura, que se encontra em curso.

<sup>2</sup> “Ninguém reprovará o seu irmão por ser o que ele é; mas com paciência e persistência, com inteligência e com amor, procurará levá-lo ao nível mais alto”. (SILVA, 1943/1999: 82).

se ao que existe de mais belo e de mais amplo; nenhum homem deve ser explorado por outro homem; ninguém deve, pela posse dos meios de produção e de transporte, que permitem explorar, pôr em perigo a sua liberdade de Espírito ou a liberdade de Espírito dos outros. No Reino Divino, na organização humana mais perfeita, não haverá nenhuma restrição de cultura, nenhuma coacção de governo, nenhuma propriedade. A tudo isto se poderá chegar gradualmente pelo esforço fraterno de todos. (SILVA, 1943/1999: 82)

Igualmente consciente de que, para se aceder à liberdade, será fundamental que cada um se cumpra segundo o sonho, escolheu Agostinho da Silva como armas de combate para esta luta em prol da equidade, a divulgação cultural e a conferência, a biografia e a ficção, a poesia e a tradução, a reflexão e o ensaio poético e filosófico.

Depois da perseguição política de que foi alvo pela PVDE, Polícia de Vigilância e Defesa do Estado portuguesa e depois pela PIDE/DGS (Polícia Internacional de Defesa do Estado/Direcção Geral de Segurança)<sup>3</sup>, que não compreendia nem aceitava o cariz “revolucionário” do seu trabalho – porque, de facto, Agostinho pretendia (e conseguiu) “agitar”, “transformar profundamente (mentalidade, ideologia, campo de cultura, do conhecimento, etc.), causar sensível mudança; inovar”<sup>4</sup> no seu país, bem como nos países por onde passou, ao longo do seu périplo pelo mundo<sup>5</sup> –, impedido que foi de leccionar, de viver e de se relacionar em liberdade no seu país natal, Agostinho da Silva auto-exilou-se no Brasil onde, também igualmente de forma ousada e inovadora, como assessor de Política Cultural Externa do Presidente Jânio Quadros (1961) influenciou a política externa do Brasil em relação à África. Durante os 25 anos que por lá permaneceu, foi fiel ao princípio traçado nos seus verdes anos de servir a cultura e o seu semelhante: fundou (ou ajudou a fundar) Universidades<sup>6</sup> e Centros de Estudos e de

<sup>3</sup> Antecessora da PIDE, Polícia Internacional de Defesa do Estado, que viria a evoluir para DGS, Direcção Geral de Segurança, no consulado de Marcelo Caetano. Será designada, ao longo do presente trabalho, pela sigla PIDE.

<sup>4</sup> Cf. definição para o vocábulo “revolucionar” (HOUAISS, 2003).

<sup>5</sup> 1906 a Maio de 1944: Portugal. Maio de 1944: partida para o Brasil; 1945: Argentina e Uruguai; de 1947 a 1969: Brasil e incursões pela África e Estados Unidos da América; 1963 e 1968: Japão, Macau e Timor; 1967 e 1968: Moçambique; a partir de 1969: Portugal, Espanha, África.

<sup>6</sup> Universidade Federal da Paraíba (1951/52); Universidade de Santa Catarina (1955); Universidade de Goiás e Universidade de Brasília (1961); (SILVA, 1988: 23-24).

Investigação <sup>7</sup> ou Centros de divulgação da língua e da cultura portuguesas <sup>8</sup>, preconizando e propalando sempre a idéia da necessidade de se vir a proceder a uma renovação mundial assente em princípios e valores de amor, de exigência, de obediência e de serviço (SILVA, 1965/2000), da qual viria a emergir uma comunidade (a comunidade luso-afro-brasileira <sup>9</sup>) que, irmanada pela língua, pela cultura e pelos mesmos valores de humanidade, depois de operada a fusão de culturas e de religiões, a nível mundial, depois de restaurada nos homens a capacidade de criar e de sonhar, possibilitaria a emergência de uma civilização finalmente virada para os valores do espírito, conducente a uma era de plenitude final,<sup>10</sup> uma era de desejável convergência entre o humano e o divino que existe em cada ser. Acima de tudo, Agostinho foi “um desafiador de pessoas para uma liberdade e ousadias plenamente vividas” (AGOSTINHO, 2000: 300).

Foi Agostinho da Silva um homem de tão grande pluridimensionalidade que o vimos desenvolver aprofundados estudos pelas áreas da entomologia (SILVA e OLIVEIRA, 1952; OLIVEIRA e SILVA, 1954), das matemáticas e de outras ciências

---

<sup>7</sup> *Sociedade de Ciências Naturais da Paraíba* (1953); *Departamento de pesquisas históricas do Itamarati* (1954); *Sociedade de Cultura Francesa, Sociedade de Cultura Alemã, Instituto de Cultura Norte-Americana, Casa de Cultura*, todos em Santa Catarina (1957); *Centro de Pesquisa Oceanográfica de Santa Catarina* (1958); *Centro de Estudos Afro-Orientais da Universidade da Bahia* (1959); *Núcleo de Pesquisas «Casa Reitor Edgard Santos»* na região do Recôncavo Baiano (1966); *Centro Internacional de Estudos Superiores de Rivera e Livramento* (1966); *Estudos Gerais Livres* (1969), com o Professor Manuel Viegas Guerreiro, em Lisboa; *Centro de Estudos da América Latina* do Instituto de Relações Internacionais da Universidade Técnica de Lisboa; *Gabinete de Apoio* do Instituto de Cultura e Língua Portuguesa do Ministério da Educação (1983).

<sup>8</sup> *Centro de Estudos Filológicos* da Universidade de Lisboa (1931), actualmente «Centro de Linguística» da Universidade Clássica de Lisboa; *Centro de Estudos Filológicos* (Univ. de Santa Catarina) 1955; *Núcleo de Estudos Portugueses* (Univ. de Santa Catarina) 1955; *Centro de Estudos Afro-Orientais* da Universidade da Bahia (1959); *Centro de Estudos Brasileiros do Lobito*, Angola (1960); *Centro de Estudos Brasileiros em Lourenço Marques*, Moçambique (1960); *Centro de Estudos Brasileiros em Tóquio*, Japão (1960); *Centro de Estudos Brasileiros* da Universidade Federal de Goiás (1961); *Centro de Estudos Latino-Americanos* da Universidade do Rio Grande do Sul (1961); *Centro Brasileiro de Estudos Portugueses* da Universidade de Brasília (1962); *Comissão de Estudos Ibéricos* da Universidade de Mato Grosso; *Centro de Estudos Portugueses* da Universidade do Paraná; *Centro de Estudos Brasileiros* da Universidade de Sophia, Tóquio, Japão (1963); *Centro de Estudos Brasileiros em Adis-Abeba* (1966) entre outras iniciativas (SILVA, 1988: 23-24 e pesquisa biográfica empreendida pela autora do presente estudo).

<sup>9</sup> Uma das características marcantes de Agostinho, a sua capacidade de «vislumbrar o futuro», é aqui bem representada: efectivamente, sabe-se ter sido fundamental o seu magistério de influência junto do (então em Portugal) Embaixador do Brasil José Aparecido de Oliveira, um dos fundadores da que viria a ser denominada de CPLP, a Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, constituída em Lisboa em 17 de Junho de 1996.

<sup>10</sup> *A Idade de Ouro* (SILVA, 2002: 317); *O Quinto Império* (SILVA, 1960/2000: 249-260); ou *Império do Espírito Santo* (SILVA, 1967/2000: 321-335).

exactas e naturais,<sup>11</sup> incursionar pela pintura, cerâmica, azulejaria e relojoaria (Agostinho, s/d), bem como a estudar línguas e filosofias, teologia e metafísica, reflectindo e escrevendo até ao momento da sua morte (SILVA, “Obras”, 1999-2003).

Durante todo o seu percurso de vida, Agostinho da Silva foi alguém para quem foram fundamentais os primados da tolerância perante o igual ou o diferente, o concordante ou o divergente, bem como a aprendizagem, a prática e a difusão da ideia da desejável cooperação activa entre homens e povos, com subordinação dos interesses pessoais aos interesses gerais. No Brasil, tal ideia como acontecera em Portugal, acabou Agostinho da Silva por vir a ser também perseguido durante a ditadura que se instalou com o regime militar em 1964.

Em 1969 regressa a Portugal, onde vem a terminar os seus dias (no domingo de Páscoa de 1994, a 3 de Abril) ansiando sempre que cada um e Todos os Homens fossem e pudessem ser sempre respeitados na integralidade do seu ser,<sup>12</sup> sem peias ou fronteiras de qualquer género ou forma.<sup>13</sup>

## 2. O papel e a acção propagadora de Agostinho da Silva, precursor de uma efectiva educação para a cidadania no Portugal do Estado Novo

*Os homens de acção são oleiros de Deus;  
e não te esqueças que até pensar é agir  
(Agostinho da Silva, 1981(?)/1999)*

<sup>11</sup> Agostinho da Silva integrou a Comissão nomeada pelo Ministério da Educação e Cultura Brasileiro que procedeu ao levantamento, inventário e fixação dos códices que deram origem à divulgação e conhecimento do público em geral da obra magistral de Alexandre Rodrigues Ferreira (FERREIRA, 1971).

<sup>12</sup> Não obstante não proceda, no presente trabalho, a um estudo analógico entre Coménio (elevado pela ONU e pela UNESCO ao estatuto de «educador da humanidade») e Agostinho da Silva, cumpre aqui ressaltar que, tal como para Coménio, também para Agostinho da Silva, “O Homem é a mais alta, a mais absoluta e a mais excelente das criaturas” (COMÉNIUS, 1996: 81).

<sup>13</sup> “Creio, primeiro, que o mundo em nada nos melhora, que nascemos estrelas de ímpar brilho (...). Penso, portanto, que a natureza é bela na medida em que reflecte a nossa beleza, que o amor que temos pelos outros é o amor que temos pelo que neles de nós se reflecte, como o ódio que lhes sintamos é o desagrado pelas nossas próprias deficiências (...). E penso (...) que todo o homem é diferente de mim, e único no Universo; que não sou eu, por conseguinte, que tem de reflectir por ele, não sou eu quem sabe o que é melhor para ele, não sou eu quem tem de lhe traçar o caminho; com ele só tenho o direito, que é ao mesmo tempo um dever: o de o ajudar a ser ele próprio; como o dever essencial que tenho comigo é o de ser o que sou (...).” (SILVA, 1989/2000: 90-91)

Não obstante o seu pensamento se tenha desenvolvido e tenha ficado explanado em mais de duas centenas e meia de obras, muitas das quais de rara e diminuta divulgação devido ao facto de terem sido editadas como *edição do autor*, actualmente já nos podemos adentrar no seu pensamento graças à recente edição das *Obras* (1999-2003) de Agostinho da Silva.<sup>14</sup> Este plano de edição não esgota, contudo, o que se conhece da obra agostiniana, dado estarem ainda em fase de programação de edição todos os seus escritos poéticos, os de divulgação cultural (os *Cadernos de Divulgação Cultural “À Volta do Mundo, Textos para a Mocidade e a Juventude”, “Iniciação, Cadernos de Informação Cultural” e “Antologia, Introdução aos Grandes Autores”*), as traduções,<sup>15</sup> a sua incontável participação na imprensa, bem como em fóruns de discussão e reflexão, sem esquecer um considerável número de inéditos já coligidos e transcritos.

Acima de tudo, ao reflectir sobre o magistério empreendido por Agostinho da Silva em Portugal até à data do seu auto-imposto exílio no Brasil, tentarei fazer ressaltar a tese de como Agostinho preconizou e implementou uma efectiva Educação *em e para* a Cidadania tanto em Portugal como na América do Sul, formando e influenciando gerações que hoje têm, nas suas mãos, a oportunidade, o contexto e a responsabilidade de fazer implementar as idéias por ele congeminadas, de abrir, alargar, recriar e reinventar as vias por si desbravadas.

## 2.1 Os “Cadernos de Divulgação Cultural”: *À Volta do Mundo, Iniciação e Antologia dos Grandes Autores*

No Portugal do Estado Novo, numa era de total anomia e de ausência de valores – em que o poder político instituído desejava, como norma, que o povo fosse obediente, submisso e rude, e que fosse mantido num conformismo apático – em que se promoveu a destruição sistemática de todos os focos

---

<sup>14</sup> As *Obras de Agostinho da Silva*, com coordenação geral de Paulo Alexandre Esteves Borges para todo o plano de edição e de Helena Maria Briosa e Mota (Seleccção, Introdução, Notas e Pesquisa de Espólio) para os volumes *Textos Pedagógicos e Biografias*, está organizada da seguinte forma: *Textos Filosóficos I e II; Textos Pedagógicos I e II; Textos sobre Cultura Clássica; Estudos sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira I e II; Estudos e Obras Literárias; Biografias I, II e III; Textos Vários. Dispersos*. Lisboa: Âncora Editora, 1999-2003 e Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2003.

<sup>15</sup> Para além do grego e do latim, traduções do espanhol, francês, inglês, italiano, alemão, russo, dinamarquês, japonês, árabe.

pedagógicos renovadores,<sup>16</sup> em que metodicamente se promoveram os valores negativos como o juízo, a contenção, a humildade e a falsa modéstia, o pudor, o temor e a obediência cega, Agostinho da Silva destaca-se, a partir do ano de 1938, pela sua acção verdadeiramente revolucionária no âmbito da divulgação cultural e do despertar de consciências.

Através dos “Cadernos”, vendidos a preço muito acessível a todas as bolsas, inicia Agostinho da Silva uma acção pedagógica de divulgação cultural: inicialmente, surgem as *Biografias* (1938-1946),<sup>17</sup> logo seguidas das obras destinadas aos jovens, os “Cadernos” *À Volta do Mundo*<sup>18</sup> (1938-1943); quase que em simultâneo, edita-os para a grande maioria da população, com sede de saber e sem grande acesso à cultura, para quem escreve os “Cadernos” *Iniciação, Cadernos de Divulgação Cultural* (1940-1947), os “Cadernos” *Antologia de Grandes Autores* (1941-1947).

Com este seu trabalho inaugural, em Portugal, de uma efectiva democratização educacional com a inerente defesa dos direitos dos seus concidadãos no acesso ao saber e à cultura, inicia Agostinho da Silva – para além do magistério directo a jovens e crianças<sup>19</sup> – um indescritível processo de divulgação cultural levado a cabo através da carta, da palestra e da conferência<sup>20</sup>; empreende uma campanha em prol da dignificação da Pessoa e de efectivo respeito pela sua liberdade de acesso à informação, conducente à construção, à promoção

<sup>16</sup> Entre muitos outros, nomearemos os exemplos de Ricardo Rosa e Alberty e Irene Lisboa (cf. Nota 16 da ‘Introdução’ a “Textos Pedagógicos I” das *Obras* de Agostinho da Silva. p. 17) ou de Bento de Jesus Caraça e António Sérgio. Sobre o assunto, ver Patrício, 1984 e Carvalho, 1986.

<sup>17</sup> Agostinho da Silva, *Biografias I, II e Biografias III*. Lisboa: Âncora Editora e Círculo de Leitores, 2003.

<sup>18</sup> “Os caderninhos *À Volta do Mundo* ... oferecem à mente juvenil quadros daquelas várias coisas que a interessam e excitam”: vidas de povos e animais, notícias de descobertas, de explorações, de viagens, biografias de grandes homens, etc. (Lisboa: 1944, pp. 197-212). Estas edições, inauguradas numa época em que Agostinho já se encontrava irradiado tanto do ensino oficial como do particular, contou com o apoio material de seu Amigo e admirador Fernando Rau que as subsidiava. Nesta altura (1938), no quadro das actividades programadas e desenvolvidas no quadro do «Núcleo Pedagógico Antero de Quental», Agostinho desenvolve “palestras radiofónicas” para jovens. Eis alguns dos títulos: *Nanda Devi; Gandhi; A vespa; A raposa; Marte*.

<sup>19</sup> Ano lectivo de 1929/30- Liceu Central de Gil Vicente, Lisboa; 1930/31- Escola Normal Superior de Lisboa; 1933/34- Liceu de José Estêvão, Aveiro; 1936 a 1944 aulas particulares (Latim, Filosofia, História, ...) de preparação de alunos ao exame de admissão à Faculdade (Mário Soares; Lagoa Henriques; Jorge de Melo; Borges Coutinho; Fatcher Pereira; irmãos Lima de Faria; Manuel Vinhas,...); 1938- Escola Experimental de Carnide; 1936/37- Colégio Infante de Sagres; 1939- trabalhos na Biblioteca Infantil da Escola/Sociedade “Voz do Operário”; 1940/41- Escola Nova de Carnide.

<sup>20</sup> Não falarei, neste contexto, da sua acção epistolar ou da desenvolvida como conferencista e palestrante, no quadro da divulgação cultural que empreendeu. Deixo apenas a nota de que, de acordo com os relatórios dos agentes da PIDE que o vigiam, tanto em Portugal como no Brasil,

e ao aperfeiçoamento da pessoa integral, num processo que o Autor explicitamente deseja se venha a operar, nacional e internacionalmente, a nível pessoal, mas também a nível individual, a nível colectivo e a nível social.

Claramente, a partir da década de 30 do século XX, está já Agostinho da Silva não só a preconizar como também a implementar os princípios que, só mais tarde, em 1948, virão a constar explicitamente da *Declaração Universal dos Direitos do Homem*<sup>21</sup>; princípios que, só a partir de 1976, depois da queda do Estado Novo, virão a constar da Constituição da República Portuguesa inauguralmente proclamada, na era pós-salazarista, em 1976, e que virão a ser integrados dez anos mais tarde na Lei de Bases do Sistema Educativo português,<sup>22</sup> referentes à capacidade de julgar “com espírito crítico e criativo o meio social em que [os cidadãos] se integram e de se empenharem na sua transformação progressiva”(art.º 2º.5), bem como de se organizarem de forma a (art.º 3º) “contribuir para a defesa da identidade nacional e para o reforço da fidelidade à matriz histórica de Portugal”.

É explicitamente assumido por Agostinho da Silva que a promoção da cultura é fundamental para o processo de humanização da Pessoa e, através ela, de toda a Humanidade<sup>23</sup>. Na linha da *pampaedia* e da *pansofia*<sup>24</sup> proclamada e defendida por Jan Amós Comenius, o educador morávio, o seu objectivo é igualmente permeado pelo princípio da universalidade, segundo o qual deseja Agostinho, de igual forma, que todas as pessoas (*omnes*), sem qualquer tipo de distinção – a nível de género, de raça, de religião ou outra(s) – possam ser educadas em todas as coisas (*omnia*), totalmente e de todas as maneiras (*omnino*), em qualquer época, situação ou contexto (*semper*) (COMÊNIO, 1996: 155).

Desta forma, a cultura deixará de ser “o simples saber e a cega obediência intelectual”, passando a ser “o espírito crítico, a tolerância, a coragem ante

---

entre os anos de 1939 e 1972, é manifesto o espanto não apenas pelo facto de os seus correspondentes serem “aos milhares”, bem como pela manifesta resistência física e capacidade de motivação de Agostinho que, numa actividade «non-stop» percorre o país, de norte a sul, neste tipo de acções, congregando aglomerados de interessados (camponeses, operários, mineiros, pessoas da mais baixa condição social ao lado de professores universitários, advogados e médicos de renome) que o acolhem e que seguem, galvanizados, as suas palestras (PVDE-PIDE/DGS, [335] 155-159).

<sup>21</sup> “Art.º 26º. 1.: Toda a pessoa tem direito à educação.(...) 2. A educação deve visar o pleno desenvolvimento da personalidade humana e o reforço dos direitos do homem e das liberdades fundamentais e deve favorecer a compreensão, a tolerância e a amizade...”

<sup>22</sup> Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei n.º 46/86 de 14 de Outubro, doravante designada de LBSE.

<sup>23</sup> “(...) praticamos o mais elevado dos cultos a Deus quando propagamos a cultura, o que significa o derrubamento de todas as barreiras que se opõem ao Espírito.” (SILVA, 1943/1999: 82)

<sup>24</sup> *Pampaedia* é aqui tomada como sinónimo de educação universal, enquanto que *pansofia*, em respeito à raiz grega, significa o saber universal (*pan* = tudo, total; + *sophia* = sabedoria).

as pequenas e as grandes dificuldades, a calma inabalável, o amor da Humanidade, a cooperação de todos para o bem de todos, a largueza das soluções inteligentes e nobres” (SILVA, 1939: 4). E isto, tão simplesmente, porque “nascemos para procurar a verdade; possuí-la é pertença de um maior poder. (...) O mundo é escola de investigação. Não ganha quem corre mais, mas quem corre melhor”.<sup>25</sup> Sublinhe-se que estes princípios, apresentados por Agostinho da Silva em 1939 (e, antes dessa data, inaugurados em 1933), aparecem claramente listados e enunciados antes de, a nível mundial, qualquer outra personalidade ou entidade o vir a fazer: “... o *espírito crítico*, a *tolerância*, a *coragem* ante as pequenas e as grandes dificuldades, a *calma* inabalável, o *amor da Humanidade*, a *cooperação* de todos para o bem de todos, a largueza das soluções inteligentes e nobres”.

Subsumidos, aparecem precocemente para Portugal os princípios da valorização da cultura da Paz e da transmissão de valores como a solidariedade, a tolerância, a compreensão intercultural e religiosa, a autonomia e a liberdade. Agostinho estava ciente e consciente de que as pedras basilares para o livre exercício da liberdade e da cidadania teriam de ser amalgamadas pelo cimento da formação integral da pessoa humana e que qualquer Estado que verdadeiramente desejasse ser livre e democrático teria de conjugar a modernidade com a procura incessante da justiça social.

Estes princípios estão patentes na integralidade dos 13 volumes editados na colecção dos “Cadernos” *À Volta do Mundo*, *Colecção de Textos para a Mocidade* e *Colecção de Textos para a Juventude*, nos 51 volumes dos «Cadernos» *Antologia*, *Introdução aos Grandes Autores*, nos 63 Cadernos da série *Iniciação*, *Cadernos de Informação Cultural*, em que, diz o Autor, “o meu principal objectivo foi esse – a visão geral dos problemas que interessam a todos” (LISBOA, 1944: 197-212) sem esquecer os 14 volumes de *Biografias* que publica.<sup>26</sup> Se o objectivo explícito era o de dar, “para os menos cultos, a possibilidade de iniciação, cómoda e barata, num certo número de assuntos científicos, históricos, literários, filosóficos, etc.”,<sup>27</sup> o objectivo implícito, que sempre escapou à mão dos censores da polícia política, era o de “espelhar e transmitir o mundo” (SILVA, 1970/71(?)/2003: 179), suas problemáticas, suas realidades, levando os seus leitores à inquirição, ao debate, à natural reflexão. Claramente, antes da LBSE ou mesmo da Constituição da República Portuguesa o virem a explicitar para Portugal, nos anos de 1986, ou, anteriormente, em 1976,

<sup>25</sup> Cf. nota 2 (Montaigne, 1933, p. 99; Mota e Carvalho, 1996, p. 19-20).

<sup>26</sup> *Biografias I, II e III, op. cit.*

<sup>27</sup> Do texto de apresentação dos *Cadernos*.

estava já Agostinho da Silva, nos albores do ano de 1933 a “fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional” (art.º 7º f); a “desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesas” (art.º 7º g); a “proporcionar experiências que favoreçam a sua maturidade cívica” (art.º 7º h); a “proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária”(art.º 7º i), bem como a “proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral” (art.º 7º n).

## 2.2. As Biografias

*Quem tem coragem, é;  
quem sabe, actua; quem acredita, inova.*

(Agostinho da Silva, 1971, p.8)

Consciente do quão fundamental é dar a conhecer a dimensão histórica das conquistas a nível de cidadania, assente em sucessivas gerações de direitos adquiridos a nível dos direitos civis, políticos, económicos, sociais e pessoais, consolidados através de processos de descoberta, de inovação e de recombinação de experiência e valores ao longo dos séculos pelas variadas sociedades e culturas, Agostinho da Silva lançou-se na tarefa de dar a conhecer as *Biografias* de todos aqueles que marcaram a vida colectiva pela acção, pelo realizar criativo, e que desta forma serviram de modelo e exemplo às gerações futuras.<sup>28</sup> Às gerações futuras e às suas contemporâneas que, no Portugal da época, tal como no de hoje, necessitavam de referências a nível de exemplos de genialidade, de tolerância, de solidariedade, de humildade, de responsabilidade, de respeito pela diversidade.

Tal como actualmente se preconiza (ROCHA, 1996; MARQUES, 1997 e 1998; PATRÍCIO, 1997; FERNANDES, 1997), era claro para Agostinho que o relato das vidas exemplares dos “grandes homens” seria um auxiliar fundamental nesta demanda.

---

<sup>28</sup> *Só há homem quando se faz o impossível.* (SILVA, 1945/1999)

Na *Introdução* à reedição das *Biografias* de Agostinho da Silva (BRIOSA E MOTA, 2000), tentei colocar em relevo uma característica que, sendo actualmente recomendada pelos teóricos das questões atidas ao “ensino” e “formação” em e para a “Educação para a Cidadania”, foi inaugurada e efectivamente implementada por Agostinho da Silva, a partir dos anos 30 do século passado: a descrição do carácter e da conduta dos biografados. Se a base pedagógica é perceptível, o intuito axiológico é explícito: através da história de vida de cada um dos biografados, Agostinho da Silva, ao promover a cultura, divulga e induz experiências e atitudes assentes em valores. Igualmente, o intuito político aparece de forma clara: “A literatura moderna [tem de] [...] levantar os portugueses ao nível necessário para que a revolução cultural e política se firmasse e pudesse avançar” (SILVA, 1938/2000: 228). É claro e imprescindível, para Agostinho, que se empreenda uma “revolução cultural” em Portugal, por forma a que a consciência de cada um, a nível pessoal, que a consciência de todos, a nível do social, sem esquecer, igualmente, a consciência a nível do que é político e universal “se firme e possa avançar”.

É necessário, pelos modelos que apresenta, que nenhuma dúvida reste quanto à grandeza de carácter, quanto à necessidade de enfrentar dificuldades, quanto às vicissitudes que há a encarar para alcançar os objectivos que se pretendem. Criando condições para que em cada um dos seus leitores possa, finalmente, emergir a capacidade de reflectir, de discernir e de, finalmente, agir. Para que todos, em geral, e cada um, em particular, se comece, igualmente, a pensar como Pessoa e nele se opere uma “reflexão consciente sobre os valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” (art.º 3º b, LBSE). Cinquenta anos antes da LBSE o vir a propor e a regulamentar, em Portugal, Agostinho da Silva contribuiu, a expensas próprias e a duras penas, “para a realização [da Pessoa], através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania” (art.º 3º b, LBSE).

Igualmente, propicia Agostinho da Silva, através da leitura tanto dos seus *Cadernos* como das suas *Biografias* – que, recordamos, correram Portugal de Norte a Sul e em breve se espalharam pelas colónias ultramarinas (PIDE, 373/43) – um questionamento ético que, então como hoje, continua actual nos nossos tempos. Ao reflectir – e ao levar a reflectir – sobre os principais problemas que assolavam a sociedade de então (e que, como sabemos, continuam insolúveis até ao momento presente, levando a que os governantes portugueses legislem e regulamentem sobre a necessidade de introdução de uma área de “formação social e cívica” no sistema educativo (art.º 43º1. LBSE)), Agostinho da Silva leva-nos ao encontro das grandes questões atidas à cidadania, à defesa dos direitos do Homem e da Criança, ao respeito pelas minorias, às grandes questões referentes à conservação da natureza e das espécies em perigo, à defesa e ao questionamento sobre os atropelas às liberdades e às responsabilidades individuais.

Antes de qualquer Constituição o vir a configurar, antes mesmo de qualquer Decreto o vir a regulamentar, está Agostinho da Silva a propiciar os instrumentos culturais, científicos e técnicos, a assegurar as bases morais e éticas necessárias à sua construção pessoal e profissional futura, a contribuir para a realização pessoal e para a constituição do Ser de cada um dos seus leitores. E, porque esta acção se desenvolve em contexto extra-escolar, está igualmente Agostinho a contribuir e a fundar aquilo para que o que a UNESCO virá, décadas depois, a promover e a denominar de uma “educação ao longo de toda a vida”.

### 2.3. Agostinho da Silva, “O portador da cultura”<sup>29</sup>

*Servo dos servos*

(Agostinho da Silva, 1963/2000: 283)

*Mais que instituições criei movimentos; sorte das sortes*

(Agostinho da Silva, 1981(?)/1999)

Agostinho da Silva, qual personagem de uma das suas *Biografias*, encarna os valores da ordem do “servir” (CROCE, 1926). De facto, se toda a acção intelectual de Agostinho se pauta pela prática do des-ocultar (HEIDEGGER, 1943/1968; 1940/1968) a verdade ao seu semelhante, permitindo que ele aceda, se assim o desejar, ao estádio em que a verdade se lhe revela, a sua acção pessoal seguiu, coerentemente, ao longo de toda a sua vida, este desígnio: “servir” e “estar ao serviço”.

Agostinho, em seus verdes anos, está já “servindo” a sua comunidade educativa quando, em 1924, funda a Associação Académica da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e, de seguida, se disponibiliza a dirigir o jornal estudantil *A Voz Académica*, porta-voz dos anseios, dúvidas, mágoas e reivindicações dos seus jovens colegas. E “serviu”, igualmente, quando percorreu Portugal, de norte a sul, fazendo palestras e conferências de divulgação cultural; quando escreveu e editou, com grandes dificuldades materiais, as centenas de *Cadernos* e livros; continuou “servindo” quando vê os seus artigos censurados pela PIDE<sup>30</sup> e, não obstante, se recusa a capitular; Agostinho “esteve ao serviço” quando sofreu a invasão do policial

<sup>29</sup> A forma como “o professor Agostinho da Silva”, aliás “o mestre Agostinho da Silva” é denominado por Sebastião Varela, funcionário da Fundação Universidade de Brasília. Varela, 1992, p.116.

<sup>30</sup> “Latim de Liceu”, texto datado de Junho, 1929, destinado a ser publicado na revista *Seara Nova*, anotado por Agostinho da Silva *Cortado pela Censura*. Espólio de Agostinho da Silva. Centro de Investigação da Associação Agostinho da Silva, Lisboa.

seu lar, quando assistiu à apreensão da sua biblioteca, quando vivenciou a prisão e a tortura nas celas da cadeia do Aljube; quando se sujeitou à residência fixa e à separação familiar; sofreu, “servindo”, quando passou dificuldades de índole material e outras, quando se vê impedido de exercer o seu magistério, bem como à chegada a terras sul-americanas. Pessoalmente, “serviu” a sua cultura e a sua língua, a Língua Portuguesa, quando, Brasil fora, fundou e ajudou a fundar Universidades e promoveu o lançamento e desenvolvimento de Centros de Estudos, de Investigação ou de Missões Culturais.<sup>31</sup> Mas não só: igualmente, esteve Agostinho, de facto, “servindo” quando integrou o corpo do Serviço Auxiliar de Assistência Técnica – um corpo de voluntários por si criado para dar apoio aos povos da Paraíba que tinham sofrido o flagelo da seca de 1952-53 – ou quando, com o apoio que solicita à Fundação Calouste Gulbenkian, (Lisboa), cria uma biblioteca itinerante montada em lanchas.<sup>32</sup> E continuou sempre a “servir” quando fez conferências e palestras para todos aqueles que, depois de prestada a sua semana de trabalho, se dispunham a congregar-se, entre tantos outros locais, por exemplo, no “Centro de Tradições Populares” do Sobradinho, Brasília, DF, para o ouvir dissertar sobre as mais variadas temáticas, quantas vezes estranhas<sup>33</sup> mas quão esclarecedoras<sup>34</sup> para os humildes candangos de Brasília.

Pelo exemplo da sua acção praxica<sup>35</sup> e pela profundidade do seu pensamento notabilizou-se Agostinho, durante toda a sua vida, como alguém que se situou sempre “do outro lado” da “corrente” vigente: quando, exemplarmente, se apresenta frugal, franciscana e modestamente, discorrendo sobre os perigos da sociedade de consumo, padronizada, uniformizada e desumana, em que o *ter* bens meramente utilitários – ou dar, para o exterior, essa imagem... – se

---

<sup>31</sup> Criadas por Agostinho quando do seu desempenho de cargo de Director de Cultura do Governo do Estado de Santa Catarina, que envolveram desde o incentivo aos estudos oceanográficos aos estudos antropológicos, linguísticos, históricos ou filológicos, à promoção – entre muitos outros – de cursos práticos de costura para as mulheres dos pescadores.

<sup>32</sup> Lanchas que sobem e descem o Rio S. Francisco, entre Pirapor e Joazeiro da Bahia, que entroncavam com os carros nas cidades que formavam cabeça de estrada servindo os povos que raramente tinham acesso ao livro e ao saber. Agostinho bate-se para que Gulbenkian utilizasse o mesmo sistema de divulgação por forma a cobrir Brasília, Goiânia ou o Parque Nacional de Itatiaia e viesse a considerar esse serviço como “uma extensão dos seus serviços [da Gulbenkian] ao Brasil” (PIDE/DGS, 79-81. Carta de Agostinho da Silva a António Quadros. Brasília, 28/12/1962).

<sup>33</sup> Conferência sobre o tema “D. Sebastião e o Sebastianismo” – 1965.

<sup>34</sup> Conferência sobre o tema “Bumba-Meu-Boi e Festas Juninas” – 1967.

<sup>35</sup> Agostinho subscreve, na íntegra, a ideia de Montaigne de que a educação se deve processar “mais por obras do que por palavras” quando declara, em nota à tradução que faz dos «Ensaios», que este é um princípio pedagógico actual (tão actual no séc. XVI quanto em início do séc. XX), dado haver ainda “países onde se *ensinam* ainda *por palavras* o civismo e a moral” (MONTAIGNE, 1933: 69).

sobrepõe à essência do *ser* humano, solidário, belo, com capacidade de se espantar, de se admirar, de se emocionar, apaixonar, amar ou festejar; quando privilegia o tempo livre, da criação, à escravidão do tempo dedicado ao trabalho que se desenvolve maquinalmente por obrigação ou necessidade, sem prazer ou entrega; ao chamar a atenção para o quão imperativo é dar-se a primazia a uma política de paz, por contraponto com a que privilegia a violência; quando invoca e lança as bases para aquela que se poderia denominar de *ética da compreensão*, em que apela à tentativa de que se tente compreender e ver «o outro» lado, antes de se estigmatizar ou condenar.

Vislumbrou já Agostinho, desde o início do século XX, a educação como forma privilegiada de, ao transmitir o antigo, abrir as mentes das gentes para a recepção do novo. Ao trabalhar, durante toda a sua vida, para a tomada de consciência da existência de uma *cidadania terrestre* (MORIN, 2002) está Agostinho a lançar as bases para a construção de um terceiro milénio fundado na consciência de que é imperativo preservar a unidade humana, como forma de salvar a sua diversidade e de que só através da educação será possível tornar a Terra em um local mais civilizado, porque mais igualitário, mais humano e mais solidário.

### 3. Século XXI. O que poderá ser feito? Uma proposta concreta.

*Portugueses...espanhóis...ingleses...  
Poderiam ainda salvar o mundo e apontar-lhe caminhos de futuro...  
(Agostinho da Silva, 1965/2000: 291)*

Assistimos, sistematicamente, nos dias de hoje, a atropelos de toda a espécie, que vão dos actos terroristas que assolam o mundo à destruição de marcas do património da humanidade; das «bombas humanitárias» que atentam contra instituições e personalidades em missão de defesa dos direitos do Homem à violência que se evola de algumas seitas ditas religiosas; da vida sob o signo do medo em algumas das grandes cidades do planeta ao temor de doenças infecto-contagiosas que poderão, se não forem devidamente circunscritas, contaminar populações inteiras; do desaparecimento sistemático de florestas e de outros nichos ecológicos aos sistemáticos atentados aos direitos humanos.

O nosso mundo de hoje é, inegavelmente, obcecado pelo mercado, pelas guerras das mais variadas tipologias que se inserem neste quadro, em que os

direitos pessoais, institucionais e mesmo dos Estados são sistematicamente atropelados ou literalmente olvidados.

A História que nos antecede tem vindo a demonstrar, recorrentemente, que não existe qualquer revolução social sem que se operem transformações a nível da educação. E hoje, mais do que nunca, tal revolução não se poderá operar sem que o seja a nível integral: entrados que estamos no terceiro milénio, é chegada a altura de colocarmos um fim às oposições até aqui existentes entre civilização e barbárie, entre natureza e cultura, entre isolamento e integração. Estes novos desafios levam-nos, como membros de instituições com responsabilidades na educação e na formação de cidadãos, a repensar as relações com a(s) sociedade(s), por forma a que, no nosso quadro de autonomia e de liberdade, possamos gizar estratégias comuns e articuladas de reinvenção de um *outro* mundo mais clarividente e emancipado, mais democrático, mais solidário, mais preocupado com o bem comum e não apenas com o bem próprio.

A grande tarefa que nos é apresentada, hoje em dia, é a de construir, para o nosso futuro, para o futuro da nossa humanidade, uma cultura de Paz, de cooperação, de solidariedade e de tolerância, que recuse liminarmente a agressividade e a violência. Este é, talvez, o maior dos desafios que enfrentamos, dado que pressupõe enormes e profundas transformações a nível das relações humanas. E é um desafio tanto maior quanto assenta em pressupostos até aqui algo arredados da nossa consciência activa: os pressupostos atidos à pluridimensionalidade do ser humano. Sabemos que existem, que são um imperativo, mas vamo-nos esquecendo deles, sistemática e comodamente. É, sem dúvida, um desafio tão ingente, dado que, a nível global, se apresenta como um movimento planetário que tende a estabelecer os alicerces e as bases dos novos pressupostos antro-po-éticos de cariz axiológico que se deseja venham a ser aqueles em que deverá assentar a sociedade do futuro para o nosso planeta: trabalhar para a humanização da humanidade, alcançar a unidade planetária na diversidade; respeitar no outro, ao mesmo tempo, a diferença e a identidade quanto a si mesmo; desenvolver a ética da solidariedade; desenvolver a ética da compreensão; ensinar a ética do género humano (MORIN, 2002: 106).

A reflexão actual assenta no pressuposto de que o cerne da questão da cidadania reside no *humanismo* que queremos introduzir na vida em comum (HENRIQUES, 1996): só existe cidadania quando existe equidade. Em sequência, para que esta condição humanista de igualdade se verifique, será necessário que os cidadãos cultivem um princípio de virtude de tal modo que a procura do seu bem pessoal inclua a procura de um bem comum. A cidadania assenta em um princípio humanista de justiça segundo o qual, a fim de se atingir a igualdade, temos de tratar os Estados, as instituições e as pessoas que se apresentam justas e

responsáveis de modo desigual das que são corruptas, irresponsáveis ou mesmo iníquas.

Agostinho da Silva, *primus inter pares*, entendeu, interiorizou e foi capaz de nos passar a ideia e o ideal. Mais de sessenta anos depois, falta ainda concretizá-lo. Sejam capazes de estar à altura do repto e prossigamos na sua senda! Porque, tão simplesmente,

Portugueses de todo o mar, espanhóis de toda a terra, ingleses de toda a ilha, talvez com franceses...talvez com africanos, com indianos, com amarelos, poderiam ainda salvar o mundo e apontar-lhe caminhos de futuro, que mais estão no desenvolvimento interior...

A Igreja Ecuménica, nós a poderíamos pregar melhor que ninguém...

A República Universal, nós a poderíamos propugnar melhor que ninguém, porque soubemos unir...as diversidades do mundo...

O Tudo para Todos, nós o poderíamos organizar melhor que ninguém...basta que acorde na alma de um de nós, para que também desperte nas almas que se perdem de tristeza e de dó. Basta que num se erga; o Povo é ele e dele. Forças nenhuma se lhe poderão opor, se ele próprio não provocar a batalha e se toda a sua coragem se concentrar, não em agredir, mas em se afirmar e em ser pacientemente, mas sem concessões, mas persistentemente, mas sem dureza, todo na tarefa...

(AGOSTINHO DA SILVA, 1965/2000: 291)

## Bibliografia

- AAVV. *UnB, 30 anos*. Editora Universidade de Brasília, Brasília: 1992.
- AGOSTINHO, Pedro. Agostinho da Silva: Pressupostos, Conceção e Ação de uma Política Externa do Brasil. *Agostinho*. Academia Lusíada de Ciências, Letras e Artes, coordenador Rodrigo Leal Rodrigues, São Paulo: Editora Green Forest do Brasil, 2000.
- AGOSTINHO, Pedro. *Agostinho da Silva - Um Pensamento Vivo*. Candidatura ao ICAM, Lisboa. Documentário «Agostinho da Silva - Um Pensamento Vivo», realização de João Rodrigo Mattos, argumento de João Rodrigo Mattos e Pedro Agostinho. Centro de Documentação da Associação Agostinho da Silva, Lisboa: s/d (2000 a).
- BRIOSAE MOTA, Helena. Critério de Edição e Introdução. SILVA, Agostinho da. *Textos Pedagógicos I e II; Biografias I, II e III*. Lisboa: Âncora Editora e Círculo de Leitores, 2000-2003.
- CARVALHO, Rómulo. *História do Ensino em Portugal*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1986.
- COMÉNIQ, João Amós. *Didáctica Magna, Tratado da Arte Universal de Ensinar Tudo a Todos*

- (1627-1657). Introdução, tradução e notas de Joaquim Ferreira Gomes. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1996.
- CROCE, Benedetto. *Filosofia práctica en sus aspectos económico y ético*. Tradução de E. Gonzalez Blanco, Madrid: 1926.
- FERNANDES, João Viegas. Educação Axiológica em Contexto para uma Sociedade Democrática Multicultural. *A Escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora, Coleção Mundo de Valores, 19, 1997, pp. 579-598.
- FERREIRA, Alexandre Rodrigues. *Viagem Filosófica pelas capitâneas do Grão Pará, Rio Negro, Mato Grosso e Cuiabá. 1783-1792*. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1971.
- HEIDEGGER, Martin. De l'essence de la vérité [1943], *Questions I*, Paris, Gallimard, 1968, pp. 159-194.
- HEIDEGGER, Martin. La doctrine de Platon sur la vérité "[1940], *Questions II*, Paris, Gallimard, 1968, pp. 117-163.
- HENRIQUES, Mendo de Castro. O Estado e a Escola perante a Formação Cívica. *Cidadania e Integração Europeia*. Lisboa: Associação de Auditores do Curso de Defesa Nacional, 1996
- HOUAISS, Antônio. *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia Portugal. Lisboa, Círculo de Leitores, 2003.
- LBSE, Lei de Bases do Sistema Educativo português, Lei nº 46/86 de 14 de Outubro.
- LISBOA, Irene Biblioteca de Agostinho da Silva. *Inquérito ao Livro em Portugal*, Lisboa, Seara Nova, 1944, pp. 197-202.
- MARQUES, Ramiro. A Justiça, a Preocupação pelos outros e a Bondade: pode a Escola passar sem eles? in: AA.VV., PATRÍCIO, Manuel Ferreira (org), *A Escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora, Coleção Mundo de Valores, 19, 1997, pp. 353-364.
- MARQUES, Ramiro. *Ensinar valores: Teorias e Modelos*. Porto: Porto Editora, Coleção "Escola e Saberes", 13, 1998.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5.ed. São Paulo: Cortez; Brasília, DF:UNESCO, 2002,
- MOTA, Helena Maria Briosa e CARVALHO, Margarida Santos. *Uma introdução ao pensamento pedagógico do Professor Agostinho da Silva*. Lisboa: Hugin Editores, 1996.
- MONTAIGNE, *Três Ensaios*, tradução e anotação de Agostinho da Silva, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1933.
- OLIVEIRA, Sebastião José e SILVA, George Agostinho da. Sobre uma nova espécie de *Agromyzidae* (Diptera) cujas larvas minam folhas de *Solanum Argenteum*. *Revista Brasileira de Entomologia*, 1:25-30, Janeiro, 1954, São Paulo.
- ONU, *Declaração Universal dos Direitos do Homem*, 1948.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira. *Figuras da Pedagogia Portuguesa Contemporânea I*. Évora, Departamento de Pedagogia e Educação. Universidade de Évora, 1984.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira. A Escola Axiológica, *A Escola Cultural e os Valores*. Porto: Porto Editora, Coleção Mundo de Valores, 19, 1997, pp. 21-36.
- PVDE-PIDE/DGS, *Processo relativo a George Agostinho Baptista da Silva*, processo SR 1161, Arquivo Nacional da Torre do Tombo, Lisboa: 1939-1972.
- ROCHA, Filipe. *Educar em Valores*. Aveiro: Estante Editora, 1996.
- SILVA, Agostinho da Prefácio a GARRETT, Almeida. Doutrinas de estética literária. *Estudos sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa: Âncora Editora, Lisboa. 1938/2000. p. 217-229.

- SILVA, Agostinho da. «Cadernos» À Volta do Mundo – Colecção de Textos para a Mocidade. Lisboa: Seara Nova, 1938-1939:
- 1938. *A vida dos Esquimais*; *Piccard na estratosfera* \* *Os castores* \*; *Vida e morte de Sócrates*. 1938.
- 1939. Lisboa, Gráfica Lisbonense. *A última viagem de Scott* \*; *As aranhas*.
- SILVA, Agostinho da. «Cadernos» À Volta do Mundo – Textos para a Juventude. Edição do Autor: Agostinho da Silva. Grandes Oficinas Gráficas “Minerva”, Vila Nova de Famalicão. (s/d)<sup>1</sup>: 1ª Série – *A vida das enguias*; *Como se faz um túnel*; *História dos combóios*; *Aventuras com tubarões*; *O sábio Confúcio*; *Viagem à Lua*; 2ª Série – *Os primeiros aviões*.
- SILVA, Agostinho da. Iniciação, Cadernos de Informação Cultural, Edição do Autor: Agostinho da Silva. Lisboa.
- 1940. 1ª Série – *A primeira volta ao mundo* \*; *Breve história do linho* \*; *Edison* \*; *A vida e arte de Goya* \*; *Uma ascensão nos Himalaias* \*; *O pensamento de Epicuro*; 2ª Série. *O planeta Marte*; *A vida de Lesseps* \*; *Portrês ovos de pinguim* \*; *A arte pré-histórica* \*; *O budismo* \*; *História dos Estados Unidos* \*; 3ª Série. *O petróleo* \*; *A vida e a arte de Van Gogh* \*; ● *Sahará*; *A vida de Pierre Curie* \*; *As escolas de Winnetka* \*; *História da Holanda* \*
- 1941. 4ª Série. *A vida e a arte de Ticiano* \*; *O gás* \*; *As viagens de Colombo* \*; *O estoicismo* \*; *Mozart*; *O mundo dos micróbios*; 5ª Série. *A vida de Masaryk* \*; *O ferro*; *História do Egipto antigo*; *A escultura grega*
- 1942. 5ª Série. *As viagens de Stanley* \*; *A Reforma* \*; 6ª Série. *O transformismo*; *A vida de Florence Nightingale* \*; *O islamismo* \*; *As abelhas*; *A vida e a arte de Cellini*; *Literatura latina*; 7ª Série. *A vida de Nansen*; *O plano Dalton*; *As cooperativas*; *O sol*; *Goethe* \*; *O cristianismo* \*; 8ª Série. *Beethoven*; *Literatura Russa*; *Filosofia pré-socrática*; *Alexandre Herculano* \*; *A hulha*; *A vida e a arte de Courbet*; 9ª Série. *Alimentação humana*.
- 1942. 9ª Série. *Sócrates*; *A vida e a arte de Rembrandt*; *Apicultura*; *História do Japão*
- 1943. 9ª Série. *As viagens de Livingstone* \*; 10ª Série. *A vida de Vivekananda*; *As estrelas*; *História do veleiro*; ● *sistema nervoso*; *Literatura portuguesa* \*; *Os motores de explosão*.
- 1944. 11ª Série. *William Morris*
- 1946. 11ª Série. *Platão*
- 1947. 11ª Série. *Arte egípcia*; *Bach*
- SILVA, Agostinho da. «Cadernos» Antologia, Introdução aos grandes autores. Lisboa, Edição do Autor: Agostinho da Silva. 1941-1947:
- 1941. 1ª Série. Voltaire, *Diálogos filosóficos*; Arriano, *Manual de Epicteto*; Tolstoi, *A terra de que precisa um homem*; Santa Teresa, *Fundação de S. José*; Damião de Góis, *Descobrimentos dos Portugueses*; Cervantes, *D. Quixote e Sancho*; 2ª Série. Ruskin, *Vós, os que julgais a terra*; Ganimet, *A arte espanhola*; Tchekov, *Um caso médico*; Buffon, *História natural*; Fernão Lopes, *A revolução de Lisboa*; Dostoievsky, *O grande inquisidor*; 3ª Série. Erasmo, *Colóquios*; Lamarck, *Filosofia zoológica*; Mérimée, *Mateo Falcone*.
- 1942. Heródoto, *Viagem ao Egipto*; Flaubert, *Cartago*; Frei Luis de Sousa, *Austeridade do Arcebispo*; 4ª Série. Harvey, *A circulação do sangue*; Lichnowsky, *Portugal em 1842*; Guizot, *A civilização feudal*; Diogo do Couto, *Negócios da Índia*; Maupassant, *O aderêço*. Mateo Alemán, *O pai de Guzmán*; 5ª Série. Condorcet, *Progressos do espírito humano*; Lermontov, *Taman*; Marco Aurélio, *Pensamentos*; Faraday, *Experiências de electricidade*; Stendhal, *Waterloo*; Azurara, *Empresas do Infant*; 6ª Série. Fénelon, *Diálogos dos mortos*

- 1943. Bacon, *Ensaio*; Andreiev, *Silêncio*; Maomet, *Suratas de Meca*; Walt Whitman, *Fôlhas de erva*; Petrônio, *Banquete de Trimalcião*
- (s/d). 7ª Série. Victor Hugo, *Gauvain e Cimourdain*; Edgar Poe, *Descida ao Maelstroem*; Montaigne, *Do arrependimento*; Franklin, *Autobiografia*; Platão, *Teoria do Amor*; Dickens, *Copperfield na escola*
- (s/d). 8ª Série. Joaquin Costa, *Ideário espanhol*; Swift, *No país dos cavalos*; Claude Bernard, *Observação e experiência*; Larra, *Quadros e costumes*; More, *Utopia*; Molière, *Tartufo*;
- 1946. 9ª Série. Rodó, *Juventude*
- 1947. Lucrécio, *Da natureza*; Emerson, *Confiança*
- SILVA, Agostinho da. As Altas Escolas Populares da Dinamarca. *O Diabo*, nº 268, p. 4, 11 de Setembro de 1939.
- SILVA, Agostinho da. Doutrina Cristã. *Textos e Ensaio Filosóficos I*. Lisboa: Âncora Editora, 1943/1999, p.81-82.
- SILVA, Agostinho da. Sete Cartas a um jovem filósofo. *Textos e Ensaio Filosóficos I*. Lisboa: Âncora Editora, 1945/1999, p. 231-269.
- SILVA, Agostinho da. A Comédia Latina. *Textos sobre Cultura Clássica*. Lisboa: Âncora Editora, 1946/47 ?/2002. p. 301-318.
- SILVA, George Agostinho da e OLIVEIRA, Sebastião José. Sobre um “Agromyzidae” (Diptera) cujas larvas minam folhas de trapoeira (Commelinaceae), *Revista Brasileira de Biologia*, 12 (3): 293-299, Outubro, 1952, Rio de Janeiro-DF.
- SILVA, Agostinho da. Considerando o Quinto Império. *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa: Âncora Editora, 1960/2000, p. 249-260.
- SILVA, Agostinho da. Quinze Princípios Portugueses. *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa: Âncora Editora, 1965/2000, p.275-292.
- SILVA, Agostinho da. Algumas Considerações sobre o Culto Popular do Espírito Santo. *Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I*. Lisboa: Âncora Editora, 1967/2000, p. 321-335.
- SILVA, Agostinho da. *Celebrando a Montessori*. Bahia, colecção de folhas. Lisboa: edição de autor. 1971.
- SILVA, Agostinho da. *Vida Mundial*, 24 de Março de 1974, p. 53
- SILVA, Agostinho da. *Dispersos*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1988, 1.ed.
- SILVA, Agostinho da. Obras de Agostinho da Silva. Coordenação geral de Paulo Alexandre Esteves Borges para todo o plano de edição e de Helena Maria Biosa e Mota (Seleção, Pesquisa de Espólio, Introdução e Notas) para «Textos Pedagógicos» e «Biografias»: *Textos e Ensaio Filosóficos I*(1999/2001) e *II* (1999/2002); *Textos Pedagógicos I e II*(2000/2002); *Textos sobre Cultura Clássica* (2002); *Estudos sobre Literatura e Cultura Portuguesa e Brasileira I* (2000/2002) e *II*; (2001/2002); *Estudos e Obras Literárias*(2002/2003); *Biografias I, II e III* (2003); *Textos Vários. Dispersos* (2003). Lisboa: Âncora Editora, 1999-2003 e Lisboa: Círculo de Leitores, 2000-2003.
- SILVA, Agostinho da, Educação de Portugal, *Textos Pedagógicos II*. Lisboa: Âncora Editora, [1970]1989/ 2000.
- SILVA, Agostinho da. Vitória para a Quinta Classe. *Textos Vários. Dispersos*. Lisboa: Âncora Editora, (1970/71 (?))/2003.
- SILVA, Agostinho da. Pensamento à solta. *Textos e Ensaio Filosóficos II*. Lisboa: Âncora Editora, 1981(?)/1999.

VARELA, Sebastião. *UnB 30 anos de história, pioneirismo, resistência, homens e fatos, AAVV, UnB, 30 anos*, Editora Universidade de Brasília, Brasília:1992. p. 100-156.

## Resumo

Em contexto de explícita crise de cidadania mundial, de que perpassa uma crise valores, numa era de clara e crescente desigualdade entre os homens, de um grande desgaste a nível da coesão social, em que se vivenciam atropelos sistemáticos à dignidade da Pessoa humana, em que as sociedades parentais, civis e políticas se debatem com a problemática de não saberem como lidar com os crescentes e preocupantes índices de inquietação, de perturbação, de intolerância e de crescente disrupção e violência, a questão que surge é: como inverter a lógica que, assustadoramente, se parece querer instalar nas nossas famílias, nas nossas escolas, nas sociedades, no mundo? Será a partir de problemas como este que desenvolveremos a reflexão sobre questões atidas à implementação de projectos de educação para a cidadania consolidados em um articulado plano de “educação ao longo de toda a vida”, empreendido por George Agostinho Baptista da Silva em Portugal (1924-1944; 1969-1994) e no Brasil (1944-1969), no quadro do respeito intrínseco e da defesa dos direitos da pessoa humana, da coesão social, da diversidade cultural e dos valores democráticos. Partindo de notas sobre o percurso de vida e da apresentação de algumas das “Obras” de Agostinho da Silva apresentaremos o projecto de formação de uma humanidade mais compreensiva, mais solidária, mais participativa e também mais consciente que Agostinho desejava – e todos desejamos – para a sociedade do séc. XXI e para o nosso mundo lusófono.

**Palavras-chave:** Agostinho da Silva; Portugal; Brasil; Países Lusófonos; valores; Coménio; educação; cidadania; interdisciplinaridade; humanismo; educação ao longo de toda a vida

## Abstract

Nowadays we are living an era of explicit crisis of world's citizenship: there's a crisis on values, a clear unevenness among men, a huge lack of social cohesion and systematic abuses to people's dignity. The parental, civic and political societies do not know how to deal with the growing and worrying levels of anxiety, commotion, intolerance and growing disruption and violence. Thus, the rising question is: how can we deal with this issue that seems to be ready to get installed in our families, in our schools, in our society and all over the world? From these questions we shall present a set of issues dealing with educational projects on citizenship organized under a concise lifelong educational plan which was undertaken by Agostinho – George Agostinho Baptista da Silva – in Portugal (1924-1944; 1969-1994) and in Brazil (1944-1969), in the frame of the total respect and unconditional defence of the rights of each person, of social cohesion, of cultural diversity and of respect and the implementation of the democratic values. After presenting some notes on Agostinho's biography, as well on some of his Complete works, we'll present his project for the formation of a society of greater discernment, of more solidarity and of greater conscientiousness. A society of values that Agostinho and we all long for in our present world, as well as for all of our Portuguese speaking countries.

**Key-words:** Agostinho da Silva; Agostinho; Portugal; Brazil; Portuguese speaking countries; values; Comenius; education; citizenship; interdisciplinarity; humanism; lifelong education